

Reflexões

*Crônicas, artigos e outros
artefatos culturais para
discussão*

Reflexões

*Crônicas, artigos e outros
artefatos culturais para
discussão*

Fábio Ortiz Goulart

CLP
RIO GRANDE
2016

© 2016, Fábio Ortiz Goulart.

Capa: Fotografia por Fábio Ortiz Goulart.

Editoração: Fábio Ortiz Goulart.

Catálogo na Publicação

G694r

Goulart, Fábio Ortiz Goulart.

Reflexões: crônicas, artigos e outros artefatos culturais para
discussão / Fábio Ortiz Goulart. – Rio Grande: CLP, 2016.

50 p. 14 cm.

ISBN: 978-85-920467-3-6.

1. Filosofia 2. Antologia 3. Pontos de vista I. Título.

CDU. 141

Elaboração do editor.

Índice para catálogo sistemático.

1. Filosofia: Pontos de vista 141

Introdução	9
A Relação Ser humano X Meio Ambiente	10
O que falar sobre a existência de Deus?.....	14
Ótica pessoal acerca dos conceitos de território, fronteira e paisagem.....	19
Reflexão acerca do texto “ <i>Poesia e ensino universitário</i> ” de Maria da Glória Bordini	24
Pierre Bourdieu e a Sociologia da Educação	28
O diverso no Cartoon Network	35
As diversidades na série animada “Steven Universo” do Cartoon Network	48

Introdução

O que se pretende nestes pequenos pedaços de papel é apresentar diferentes modos de como eu vejo o mundo e de como eu percebo certas coisas dentro da academia. Não é um manual, nem tampouco regras a se seguir é simplesmente um pequeno livro para se ler, quando se possui vontade e se estiver preparado para conhecer diferentes pontos de vistas e de bônus talvez algum conhecimento.

A Relação Ser humano X Meio Ambiente

O ser humano é em sua própria concepção um ser superior às outras espécies. Embora essa afirmação seja incorreta, a maior parte das pessoas acredita nela. Como os outros seres, os humanos são seres evoluídos de outros seres, necessitam dos mesmos atributos para a sua sobrevivência. O homem primitivo utilizava das próprias mãos ou ferramentas criadas para caçar, já as fêmeas do homem primitivo cuidavam das crias e catar sementes e outros alimentos de origem vegetal.

O homem inicialmente era nômade, por causa das dificuldades que encontrava, sejam elas no abrigo (em sua maioria eram cavernas), na escassez de alimentos ou ainda nas mudanças climáticas. Essas mudanças climáticas ocorriam com certa frequência em

um período geológico da Terra, foi aí que o homem sentiu a necessidade de deixar de ser nômade e tornar-se fixo.

Com a sua fixação, o homem começou a plantar seu próprio alimento, e logo em seguida descobriu a pecuária e começou a domesticar e criar animais para a sua alimentação. Logo a pequena família fixa de homens primitivos tornou-se uma tribo, uma aldeia, um povoado, depois uma pequena civilização. Com o crescimento abrupto do número de membros os seres humanos tiveram de inventar modos de comunicação mais amplos (já que cada tribo possuía um modo diferente de comunicação), assim surgiram as mais diferentes civilizações antigas conhecidas hoje.

O homem enquanto racional esqueceu que tudo o que fez e se continuar fazendo podem destruir não só ao meio em que está inserido, mas também a ele mesmo. Não defendo que temos de viver nômades e andar

nus como as formas primitivas do ser humano, mas quero passar a mensagem de que se nós, seres racionais não cuidarmos do ambiente quem cuidará? Os animais por mais que “saibam” ao que estão sujeitos, não conseguem de maneira alguma intervir na grande destruição que o homem faz.

Podemos ter (ou não) a noção de que se um dia a espécie humana se extinguir (e um dia vai), assim como todas as outras, tudo pode voltar ao “normal” ou talvez possa se desenvolver muito mais.

Bibliografia:

BENTON, M. J. **História da vida**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

Reflexões, por Fábio Ortiz Goulart.

O que falar sobre a existência de Deus? e a existência de outras divindades de acordo com a Igreja

“O que esperar da espécie que nem ao menos se respeita?”

Fábio Ortiz Goulart, 2014.

Começarei abordando os meus conceitos de Igreja, O “Deus” e As Divindades.

A Igreja: Templo onde ocorrem os ritos cristãos.

O “Deus”: Ser metafísico que tem por objetivo de sua criação a criação do universo e a ministra-lo a seu modo.

As “Divindades”: Mais seres metafísicos. São de diferentes culturas e

abominados pela Igreja. Foram “apagados” da crença de seus povos de origem. “Viva os judeus!”.

Para a Igreja tudo que transgrede as suas leis descritas na Bíblia é contra seu deus e deve ser abominado e exterminado. Pensamento esse um tanto xenofóbico. A Igreja e o cristianismo vêm de longa data absorvendo os mais variados conceitos das mais variadas culturas para que possam apontar seu longo dedo e dizer que essas pessoas dessas culturas não devem agir de tal forma, não devem comer tal coisa e animal, pois transgrede as leis do “criador”. Tá, tudo bem, é uma questão cultural, mas o que é o criador se não alguém criado para o homem dizer com “suas” palavras com o que não concorda através de um ser onipresente, onipotente e onisciente? Talvez mais um divindade.

Em relação às divindades: o que seriam elas? Afirmamos que são seres criados através

da mente humana, para explicar as coisas que não entendemos e compreendemos. Ok, mas o criador cristão não segue os mesmos padrões de utilidade das divindades? Ele nos serve como amparo nas horas difíceis e é a solução mais plausível para explicarmos o que não conseguimos entender e compreender. Ora, então nosso criador não deixa de ser mais uma divindade entre os milhões de divindades que nós, seres humanos criamos para explicar o que não conseguimos achar uma explicação.

Agora vejamos, quando os romanos invadiram a Grécia, logo os gregos mostraram que suas divindades eram as verdades personificadas, e porque não seria ainda hoje a sua verdade? Porque é necessário ter um livro com cada uma das histórias e as façanhas dessas divindades postas em um único volume para elas serem encaradas como verdade?

Ora, se tu julgares que essas divindades são reais e personificações da verdade, e elas em sua concepção criaram o universo.

Ninguém irá te fazer pensar o contrário, uma vez que isto é algo em que tu acreditas. Para ti isto é a verdade, e foram estas divindades que criaram o universo, mas somente para ti, isso não é e não deve ser tomado como regra geral para todas as pessoas, não porque tu crês em algo que o outro também tem de crer. Teve de haver um apagão cultural dessas divindades para que a Igreja e o cristianismo conseguissem sua importância no mundo e sua visibilidade? De certo modo, se formos levar em conta estes conceitos de divindades, ainda hoje, no século XXI estamos vivendo as próprias mitologias outra vez, só que com uma maior expansão. Onde o que não conhecemos e entendemos é posto como obra de nosso “único” deus ou divindade, outrora essa tenha sido criada por homens.

Estamos vivenciando um período que vai se repetir muitas e muitas vezes até o final da humanidade. Isto é algo que não podemos controlar e o que nos resta é crer, assim como

Reflexões, por Fábio Ortiz Goulart.

Nietzsche que tudo se repetirá infinitamente conforme foi acontecido anteriormente. Ou seja, viveremos nessa mitologia eterna até o final dos nossos tempos.

Ótica pessoal acerca dos conceitos de território, fronteira e paisagem

RESUMO

Neste texto busca-se os conceitos de Paisagem, Fronteira e Território partindo do Entendimento de que estes conceitos não se devem limitar a Geografia.

1. DISCUSSÃO ACERCA DOS CONCEITOS

Os conceitos de território, fronteira e paisagem são muito simplistas quando levados em seu sentido natural, ou seja, levados à geografia, suponho que uma criança de sete anos ou menos saiba conceituar as três palavras acima citadas. De acordo com o lexicógrafo Sacconi (2005) os conceitos destes três termos são:

Conceito de território:

“1. Área de terra; região. 2. Região sob o controle de um governo. 3. Região ocupada e pertencente a um país [...]. 4. Área que um animal defende contra intrusos [...]” p. 618.

Conceito de fronteira:

“Limite internacional de um país.” p. 282.

Conceito de paisagem:

“Toda a vista que se descortina do lugar onde uma pessoa está situada; panorama; vista [...]” p. 443.

Discordo destes conceitos quando trago os significados dessas palavras para a relação ao ambiente em que estamos inseridos e às nossas interações com ele. Logo abaixo descreverei os meus conceitos acerca das três palavras que norteiam o meu texto.

Mas antes de começar a descrevê-los, gostaria de dizer que, por sermos humanos – seres sociais dotados de intelecto avançado em relação às outras espécies residentes do nosso planeta¹ -, sentimos a necessidade de nos pertencer, seja a um lugar ou a um grupo social; a necessidade de nos perceber iguais ou diferentes às outras criaturas ou pessoas² que nos cercam; e por último, a necessidade de apoderar-se de coisas e lugares.

O território é todo aquele lugar ou espaço em que nos sentimos amados, seguros, acolhidos e onde temos a liberdade e a vontade de nos manifestar através de discursos. A

¹Tomo nota deste conceito, pois ele será importante para um argumento que levantarei adiante.

²Na categoria de pessoas incluo as não humanas como os chimpanzés, os bonobos e os golfinhos. Considero estes três animais como pessoas, por eles possuírem intelecto e razão evoluídos em relação aos outros animais, assim como os seres humanos. Baseei-me na legislação indiana vigente acerca da caça de golfinhos para inserir estes animais como pessoas não humanas.

fronteira diz respeito a nossa relação ao outro, ou seja, a fronteira é a tênue linha invisível que nos separa de outro indivíduo e que nos limita a aceitar ou repudiar as opiniões, ideias e ações do outro.

Dependendo do tipo de ideia, opinião ou ação, a linha invisível que compõe a fronteira pode criar, destruir ou reforçar laços entre os indivíduos de diferentes espécies. A ideia de apoderamento é, em minha concepção, fortemente ligada à paisagem, pois ela representa, fora do conceito geográfico, as transformações que o lugar a nossa volta passa através de nossas mãos e mentes. Esse processo de transformação pode ocorrer tanto no nível físico como também no nível psíquico.

As concepções de território, fronteira e paisagem são de certa forma, muito mais extensas do que se é entendido no senso comum; os sentidos e concepções dados a estas palavras são dependentes de qual área do

Reflexões, por Fábio Ortiz Goulart.

conhecimento e de que forma elas serão utilizadas e também depende de quem as utiliza.

CITAÇÕES:

SACCONI, Luiz Antonio. **Minidicionário Sacconi da língua portuguesa**. São Paulo: Escala Educacional, 2005.

Reflexão acerca do texto “*Poesia e ensino universitário*” de Maria da Glória Bordini

A poesia, hoje se distanciou da população em geral, Bordini afirma que por possuir uma forma difícil, e por fugir da facilidade de compra dentro do nosso sistema capitalista avançado, a poesia acabou restringindo-se somente aos profissionais de Letras e acadêmicos desses cursos. Um dos motivos elencados por Bordini em seu texto *Poesia e ensino universitário*, diz que a poesia acabou por se distanciar da população em geral ao tornar o seu sentido muito subjetivo, e se tornando avessa ao prazer imediato do século XXI.

Embora o texto poético seja lido pelos acadêmicos dos cursos de Letras, é nesses cursos que a poesia é muito pouco lida, contraditoriamente, outros cursos de maior

importância social, como Direito, Medicina, Biologia ou Engenharia, leem muito mais poesia do que os próprios alunos dos cursos de Letras.

No seu texto, Bordini traz uma citação de Heidegger, o qual afirma que

a poesia não é um adorno que acompanha a existência humana, nem só uma exaltação passageira nem um acaloramento e diversão. A poesia é o fundamento que suporta a história, e por isso não é tampouco uma manifestação da cultura, e menos ainda mera “expressão” da “alma da cultura”.

Ou seja, neste trecho o filósofo traz a ideia de que a poesia é vinculada ao nascimento da linguagem e da história. Outro motivo do distanciamento entre pessoas e poesia, são a estrutura poética e a utilização de palavras de forma mais formais e que fazem

com que a poesia necessite de atenção para ser interpretada, o que no nosso sistema econômico o que falta é tempo para essa “atenção” à poesia. Em relação ao tempo, Bordini afirma que

Essa não é atitude que se coadune com o modo de ser contemporâneo, apressado, desarticulado, fragmentado, ávido por possuir. A poesia de qualquer época opõe-se à fruição instantânea, à entrega fácil.

Afirma, também, que ler poesia é “arriscar-se a revelar a si mesmo cada vez que interpreta”. Para Bosi, “a poesia sobreviveria não só no ato de resignificar e, não raro, reencantar pessoas, coisas e eventos”.

Citações:

Reflexões, por Fábio Ortiz Goulart.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia e ensino universitário*. **Revista Vidya**. v.21, n. 37. Santa Maria: UNIFRA, 2002. Disponível em <<http://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/465>>.

BOSI, Alfredo. *A poesia é ainda necessária?*. In:_____. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013.

Pierre Bourdieu e a Sociologia da Educação

Em pleno século XX, era predominante no senso-comum, assim como nas Ciências Sociais, uma visão superotimista, que dava à escolarização uma função central no processo de superação de atraso econômico, das autoridades e de privilégios incutidos, que até então eram associados às sociedades tradicionais, e a construção de uma sociedade nova, que seria justa, moderna e democrática³. Tinha-se a visão de que através da escola pública gratuita, o problema de acesso à educação seria resolvido, garantindo a igualdade de oportunidades à todos. Os estudantes competiriam dentro do sistema

³ A ideia era de que, essa nova sociedade seria uma sociedade meritocrática (justa), centrada na razão e nos conhecimentos científicos (moderna) e fundamentada na autonomia individual (democrática).

escolar, em mesmas condições, e aqueles que tomassem destaque por dons individuais, por uma questão de justiça, seriam levados a seguir suas carreiras escolares em frente e, portanto, estariam acima na hierarquia social. Levando por esse modo, a escola seria uma instituição social neutra, que se basearia na divulgação de um conhecimento racional e objetivo e que escolheria seus alunos em base a critérios racionais.

Os jovens das camadas médias e populares da sociedade, frustrados diante das promessas falsas do sistema escolar transforma-se em uma evidência a mais que corrobora as novas teses propostas por Pierre Bourdieu. “Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais” (NOGUEIRA; NOGUEIRA; 2002).

Para Bourdieu, a educação perde o papel que lhe fora confeccionado, o de uma

perseverança transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições, pelas quais se legitimam e se mantêm os privilégios sociais. Isso demonstra uma total inversão de perspectiva.

Uma das teses centrais de Bourdieu e a sua Sociologia da Educação é a de que os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições igualitárias nas escolas, mas atores socialmente formados que trazem incorporada, uma extensa bagagem cultural e social (*Idem, ibidem*; 2002). O grau de sucesso variante alcançado pelos estudantes ao longo de sua trajetória escolar não poderia ser explicado pelos seus dons pessoais⁴, mas por sua origem social que os inseriria em condições favoráveis ou não dentro do contexto social.

⁴ Estes dons “relacionados à sua constituição biológica ou psicológica particular” (*Idem, ibidem*; 2002).

Bourdieu questiona de frente a tão falada neutralidade da escola e do que se é ensinado dentro dela, ele diz que o que essa instituição representa e cobra de seus estudantes são os gostos, as crenças, as posturas e os valores dos grupos socialmente dominantes, sendo apresentado como cultura universal. A escola passa a ter um papel ativo no processo social de reprodução das desigualdades sociais, a escola passaria a cumprir o papel de legitimação dessas desigualdades, transformando essas bases sociais em diferenças acadêmicas e cognitivas.

Levando em conta uma formação em um ambiente familiar correspondente a uma posição específica na estrutura social, os indivíduos incorporariam um conjunto de disposições para a ação típica dessa posição (um *habitus* familiar ou de classe) e que passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambientes de ação (*Idem, ibidem*; 2002).

Cada indivíduo passa a ser visto e caracterizado por uma bagagem socialmente (ouso, dizer também economicamente) herdada. E essa bagagem inclui certos auxiliares objetivos, exteriores aos indivíduos, e que podem ser importantes para o sucesso escolar de cada um. Entre eles, a bagagem transmitida pela família.

Esta bagagem inclui certos apetrechos que passam a fazer parte de cada indivíduo, entre eles o capital cultural na sua forma “incorporada”. Como elemento apetrecho desse tipo de capital, merece destaque a chamada “cultura geral”. Como componentes da cultura geral, incluem-se os gostos em matéria de arte, culinária, decoração, vestuário, esportes e etc.; o domínio maior ou menor da língua culta; as informações sobre o mundo escolar.

Em primeiro lugar, a apropriação de capital cultural favorecerá no desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos

conteúdos e códigos escolares, funcionando como uma ponte entre indivíduos e escolas, portanto a educação para crianças socialmente favorecidas seria uma continuação da educação familiar e para as menos favorecidas algo pavoroso e amedrontador.

Já em segundo lugar, porque daria um melhor desempenho nos processos formais e informais de avaliação. Bourdieu diz que a avaliação da escola vai muito além de uma verificação de aprendizagem, incluindo um verdadeiro julgamento cultural e até mesmo moral dos alunos. É cobrado dos alunos que eles tenham um estilo formal de falar, de escrever e até mesmo de se comportar; que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados; que saibam cumprir adequadamente as regras da boa e velha “educação”. Essas exigências só podem ser plenamente atendidas por quem foi dentro do contexto familiar criado nesses mesmos valores.

Reflexões, por Fábio Ortiz Goulart.

Referências:

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. L. *A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições*. **Revista Educação e Sociedade**. ano XXIII, nº78. Belo Horizonte: UFMG, abr. 2002.

O diverso no Cartoon Network

Os desenhos animados e as diversidades
sexuais e de gêneros

RESUMO

No presente texto busca-se apresentar as diferentes séries animadas realizadas pelo Cartoon Network e as diversidades sexuais e de gêneros presentes dentro do mesmo canal de programas infantis. Entende-se que as crianças são influenciadas diretamente pela mídia, e os desenhos animados são de fato as melhores formas de construir as identidades das crianças. Estes programas infantis fazem parte do universo dos pequenos desde muito novos, e conseqüentemente são expostos a diferentes maneiras de pensar, ver e conversar com o mundo, portanto se há uma necessidade de estudar e estar a par do que as crianças assistem nestes canais e entendê-los como

espaços educativos, pois eles são indispensáveis para a formação moral, cívica e intelectual de nossas crianças.

1. INTRODUÇÃO

Levando-se em conta que as crianças são influenciadas pelo que as cercam, incluindo os programas midiáticos como os desenhos animados, se há uma necessidade de explorar cada vez mais as mídias a que elas estão expostas, e também uma maior vigilância ao que elas assistem, pois é através destes programas que construímos as identidades delas e seus modos de pensar e relacionar-se com o mundo e com que lhe é diferente.

No presente texto nos utilizamos como *corpus* do trabalho as animações exibidas pelo canal de televisão infantil norte-americano, Cartoon Network. Entre as elegidas, encontram-se: *The Powerpuff Girls*; *The Marvelous Misadventures of Flapjack*; *Adventure Time*;

Steven Universe; e *Clarence*. A escolha destas animações foi óbvia, uma vez que este trabalho pretende apresentar as diversidades nas séries do Cartoon Network e todas estas séries em algum momento mostraram cenas e episódios inteiros lidando com temáticas relacionadas as diversidades sexuais e de gêneros.

Tomamos como base artigos publicados em revistas on-line relacionadas a temáticas sobre diversidades e os próprios episódios das séries já citadas.

2. AS SÉRIES

a. *The Powerpuff Girls*

No Brasil, recebeu o título de *As Meninas Superpoderosas*, esta série animada foi criada por Craig McCracken e exibida originalmente nos EUA no período de 1998 a 2005. Conta a história de três meninas superpoderosas que

foram criadas em um laboratório por um cientista e professor chamado Utônio, o qual acabou por se tornar pai das meninas, pois tanto ele como as meninas tratam-se como pai e filhas. Além desta característica não muito comum em desenhos animados, há outros dois pontos em que a série nos mostra como fortes indícios de diversidade presente no Cartoon. Primeiro a identificação da personagem Docinho, uma das filhas de Utônio, esta garota possui características ditas masculinas em nossa sociedade, sendo muito diferente das suas outras irmãs, Florzinha e Lindinha. Outro ponto é o personagem vilão Ele (no original em inglês *Him*) que é um demônio que possui características afeminadas, o que colabora em muito a ideia de que a série veio para quebrar preconceitos ainda tão atuais em nossa vivência.

b. *The Marvelous Misadventures of Flapjack*

No Brasil traduzido como *As Trapalhadas de Flapjack*. Foi criada por Thurop Van Orman e exibida originalmente nos EUA no período de 2008 até 2010. E conta a vida de um garoto chamado Flapjack, que foi criado por uma baleia chamada Bolha. A vida do garoto com sua mãe era bem calma até Flapjack conhecer o Capitão Falange, um pirata aventureiro que viaja os mares em busca da Ilha Açúcar e assim pegar todos os doces presentes nela. Flapjack decidiu ir com o Capitão, e juntos eles passam por muitas trapalhadas. No episódio Falta Alguma Coisa (*Something's Amiss*, no original) da primeira temporada, Flapjack é constantemente confundido com uma menina por causa de sua voz fina, então o próprio garoto e Capitão Falange tentam “masculinizá-lo”. O garoto cogita inclusive fazer uma cirurgia perigosa com um barbeiro para alterar a voz, porém ele encontra-se com uma mulher com corpo masculinizado e voz feminina. No

final do episódio, Flapjack aceita a sua voz como ela realmente é.

c. *Adventure Time*

No Brasil, conhecida por Hora de Aventura, foi criada por Pendleton Ward e exibida originalmente nos EUA no período de 2010 a atualmente. A série gira em torno de uma terra apocalíptica chamada Ooo onde vive os personagens Jake, o cachorro antropomórfico e seu amigo Finn, um humano que fora deixado pelos pais e criado pelo pai de Jake. Mas o foco deste artigo busca citar e apresentar duas personagens secundárias, a Princesa Jujuba do Reino Doce – um reino onde todas as pessoas são literalmente doces assim como as árvores, animais, casas e objetos – e de Marceline, a rainha dos vampiros que se alimenta da cor vermelha. A história destas personagens já foi revelada pelos produtores da série, deixaram bem claro que as personagens já tiveram um

caso, por assim dizer. Porém laços afetivos não são muito vistos entre os episódios, com exceção de um, onde muitos objetos especiais foram roubados de diversas pessoas em muitos reinos, e Jake e Finn são chamados pela Princesa Jujuba que também fora roubada para achar o ladrão e trazer os objetos de volta. No final da aventura é revelado o ladrão e os objetos roubados. Então os heróis, Princesa Jujuba e Marceline descobrem que quem estava por trás dos roubos é a própria Princesa, que fez isso para mostrar seus sentimentos por Marceline, e objeto “roubado” da Princesa pela própria foi justamente uma camiseta que a Rainha dos Vampiros havia lhe dado. A própria vampira espantou-se ao saber que Princesa Jujuba ainda possuía a camiseta, a princesa como resposta diz que a usava todas as noites para dormir. A primeira vista não se parece que houve realmente um caso entre as duas, porém depois de muita especulação por parte dos fãs mais velhos, fora revelado pelo

estúdio e produtores que as duas realmente tiveram um caso.

d. *Steven Universe*

No Brasil chamado de Steven Universo. A série foi criada por Rebecca Sugar – uma das roteiristas que trabalhou em Hora de Aventura – e exibida originalmente nos EUA a partir de 2013 continuando até hoje e conta a história de Steven Universo e sua relação com as Crystal Gems, seu pai e sua herança genética, pois o garoto na casa dos 10 anos é filho de uma Crystal Gem – uma raça alienígena - e um humano comum. Muito além das relações inter-raciais presentes na série, há de se ressaltar que na série umas das heroínas, Garnet é a fusão⁵ de outras duas personagens

⁵ Para saber mais sobre as Crystal Gems e o universo de Steven Universo, recomenda-se a leitura do artigo de Goulart e Maio, publicado em 2016 na revista Diversidade e Educação da Universidade Federal do Rio Grande.

menores, Rubi e Safira que são claramente namoradas. Portanto o estúdio deixou muito clara e direta a relação entre as duas personagens logo na primeira temporada. Sem tornar a relação das personagens caricata demais e comum, deixando as coisas acontecendo naturalmente.

e. Clarence

No Brasil conhecida por Clarêncio, o Otimista, esta série foi criada por Skylar Page e exibida originalmente nos EUA no período de 2014 até o presente momento e conta a história do menino Clarêncio que vive com sua mãe e seu padrasto. Clarêncio possui dois melhores amigos, Sumô, um menino muito franzino e de uma família pobre com muitas crianças, e Jeff, que é filho adotivo de EJ e Sue, um casal lésbico. Os meninos, em especial Clarêncio, sempre se metem em confusão tanto com outras pessoas, como entre eles mesmos. A

série nos mostra, assim como *Steven Universe*, um casal homoafetivo não caricato o que torna a animação muito interessante para as crianças que passam a ver a homossexualidade de forma natural.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elencar e estudar o que as crianças assistem é de grande importância, pois é através destas animações onde as crianças aprendem valores, respeito, amor ao próximo e constroem suas personalidades e identidades, portanto concordamos com Esperança e Dias (2010), quando as autoras afirmam que “A televisão veicula informações, conhecimentos e valores que se dirigem à educação das crianças na contemporaneidade” (p.534), porque muito mais do que na escola e outros locais que constituem as crianças como sujeitos e as ensinam, a televisão também funciona como um espaço educativo, elevando a importância

do estudo e da reflexão sobre aquilo que as crianças assistem, pois é nestes programas que elas encontram referências para agir e se comunicar no mundo real (Goulart e Maio, 2015).

Lorelay Fox (2015) destaca algumas animações com as temáticas aqui levantadas e afirma que as crianças não se importam com as sexualidades ou os gêneros das personagens e sim na ação e na história que discorre nas animações. O que importa para elas é o caráter da personagem e o modo como elas agem dentro das tramas.

Levando em consideração ao que fora dito, gostaríamos de salientar que a avaliação e análise de uma animação não deve se restringir aos profissionais da educação infantil, mas também aos pais, pois são estes quem devem regular o que seus filhos devem assistir ou não.

4. DOCUMENTOS CONSULTADOS

DESENHOS animados. *Para Tudo.* Direção e produção: Lorelay Fox. Filmagem caseira, Sorocaba, SP, 2015. 8'48''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0_ZIxDqPCgU>. Acesso em 26 jan. 2016.

ESPERANÇA, J. A.; DIAS, C. S. Meninos versus meninas: representações de gênero em desenhos animados e seriados televisivos sob olhares infantis. **Revista Educação.** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 533-546, set./dez. 2010.

FALTA alguma coisa. *As Trapalhadas de Flapjack.* Dirigido por JG Quintel. EUA: Cartoon Network Studios, 2009. 11'00''.

GOULART, F. O.; MAIO, J. E. V. As diversidades na série animada Steven Universo do Cartoon Network. **Revista Diversidade e Educação.** Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, v.3, nº6, p.34-35, 2015.

JAILBREAK part. 2. *Steven Universe.* Dirigido por Nick Demayo. EUA: Cartoon Network Studios, 2015. 11'26''.

Reflexões, por Fábio Ortiz Goulart.

O QUE faltava. *Hora de Aventura.* Dirigido por Larry Leichliter. EUA: Cartoon Network Studios, 2011. 11'00''.

Reflexões, por Fábio Ortiz Goulart.

As diversidades na série animada “Steven Universo” do Cartoon Network⁶

Fábio Ortiz Goulart, José Andrew Vieira Maio

RESUMO

No presente artigo busca-se apresentar as diversidades presentes na série animada do Cartoon Network, *Steven Universo*, como também as representações na série que são de suma importância para o desenvolvimento do convívio social em relação às diversidades das crianças das séries iniciais do ensino fundamental. O trabalho partiu da ideia de que os contos de fadas são importantíssimos para o desenvolvimento das crianças. Dentre as diversidades apresentadas pela série estão as

⁶ Artigo publicado originalmente em: **Revista Diversidade e Educação**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, v.3, nº6, p.34-35, 2015. Publicado nesta obra com a autorização do co-autor.

diversidades de gênero, racial e sexual, além do programa também mostrar quebras de estereótipos presentes em nossa cultura como, por exemplo, o fato do herói da animação ser gordo e possuir cabelos encaracolados.

1. INTRODUÇÃO

Sabendo-se que os desenhos infantis e as diferentes mídias a que as crianças são expostas hoje em dia são peças fundamentais para o desenvolvimento do convívio social, das atitudes e também das diferentes formas de discurso praticadas por elas. Há cada vez mais a necessidade de explorar o mundo das diferenças e sexualidades no universo dos desenhos animados, coisa que o canal televisivo infantil Cartoon Network faz com total domínio e sutileza.

Partindo de diversas animações que exploram as diferenças presentes em nossa sociedade, tais como *As Meninas*

Superpoderosas, com personagens como o Ele – um demônio afeminado –, a Docinho uma das protagonistas da série que possui características e atitudes ditas masculinas e o próprio pai das meninas superpoderosas, o Professor Utônio, que é um pai solteiro que cria três filhas adotadas. Entre outros programas, há de ressaltar *Hora de Aventura*, onde duas das personagens coadjuvantes, ambas identificadas do sexo feminino – a Princesa Jujuba do Reino Doce e a Rainha dos Vampiros, Marceline – tiveram um relacionamento homoafetivo, embora isso tenha ficado subentendido durante o desenrolar da série.

Partindo da ideia de que os desenhos animados, assim como os contos de fadas são importantes para o desenvolvimento infantil (MAGNANELLI, 2005), a série *Steven Universo*, que foi a primeira série do estúdio produzida por uma mulher e que será discutida ao longo deste artigo, possui diversas formas

de como a nossa sociedade é apresentada para as crianças, quebrando desde estereótipos de gênero e família até padrões de beleza estipulados pelo meio social.

2. DIVERSIDADES DE GÊNERO

A série como um todo, aborda diferentes temáticas desde relacionamentos homoafetivos como também a diversidade de gênero e racial. Entre suas personagens fixas encontra-se: Steven Universo, o protagonista da série; As *Crystal Gems* Pérola, Garnet e Ametista, que são as “tias” de Steven e fazem parte de uma raça alienígena conhecida como *Gems* (Gemas em tradução livre); Connie, humana e a melhor amiga de Steven; e Greg, o genitor de Steven.

As *Crystal Gems*, como demonstrado em alguns episódios são transgêneros, e identificam-se com o sexo feminino, já Steven, mesmo fazendo parte das *Crystal Gems*,

identifica-se como do gênero masculino, porém às vezes refere-se a si mesmo no feminino. Dentre as habilidades paranormais das *Gems*, a mais notável é de fundir-se entre si através de danças. O personagem principal, certo episódio fundiu-se com sua melhor amiga, a humana Connie, transformando-se em uma nova *Gem*, chamada Stevonnie – a junção de Steven e Connie – e identificava-se com o gênero feminino.

Outra habilidade delas é a de transmutação, ou seja, a capacidade de transformar-se em qualquer forma que quiserem, e isso comprova que as *Gems* não possuem um gênero explicitamente definido e sim que fazem parte do grande grupo da transgeneridade, sendo entendidas por muitos fãs da série e militantes da causa LGBTTI como gênero não-binário, mas não existe nada comprovado pelo canal televisivo infantil ou pela própria criadora.

3. DIVERSIDADES SEXUAIS

A série nos mostra relações homoafetivas, sendo duas até o momento. Uma delas foi apresentada na primeira temporada e a outra apresentada na segunda e atual temporada do programa. Nesta temática, o Cartoon Network foi mais direto, deixando claramente a presença da homossexualidade em um de seus desenhos.

O primeiro caso foi apresentado no último episódio da primeira temporada, que mostra a *Crystal Gem*, *Garnet* como sendo uma fusão de outras duas *Gems* – a Safira e Rubi, esta última possui atitudes mais masculinizadas – que claramente mostram um grande nível de afetividade entre as duas personagens. Posteriormente, *Garnet* canta uma canção enquanto batalha contra uma *Gem* maligna, onde há partes em que a personagem diz:

Reflexões, por Fábio Ortiz Goulart.

Vá em frente, que teu soco é improvável/Não tá vendo que o meu lance é estável?/O seu ódio é porque eu sei ficar na minha/Tá zangada porque tá sozinha [...]/Sou feita de amo-o-o-or [...]/Isso somos nós/Isso é quem eu sou [...] (UNIVERSO, 2015).

Essa canção torna muito mais clara a relação entre Safira e Rubi. Já o segundo caso foi apresentado de forma a ser mais secundária, tendo este segundo casal uma pequena aparição e com apenas algumas frases, mas mesmo assim é de grande valia este tipo de representatividade.

4. DIVERSIDADES RACIAIS

Além do que já fora mencionado nas seções anteriores, a série também apresenta diferenças raciais entre as personagens, como por exemplo, o tom de pele da personagem *Garnet*, que é negra e a amiga de Steven,

Connie que também é negra. Outra questão é o tom de pele de Ametista, que é roxo, que obviamente é assim por causa de seu nome o do que ele representa⁴.

Os pais de Steven são de raças diferentes, sendo a mãe Ruby Quartz, uma Crystal Gem e o pai Greg, um humano. O que faz de Steven uma espécie de mestiço, mas essas questões de diferenças raciais não são citadas durante a série.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o fechamento do artigo trazemos a conclusão de Magalhães e Ribeiro (2014) em seu artigo que trata de outra animação como espaço educativo – no caso do artigo dessas autoras, o desenho escolhido foi *Peppa Pig* – o qual as autoras afirmam que:

Elencar e discutir alguns aspectos sobre a animação

Reflexões, por Fábio Ortiz Goulart.

“Peppa Pig” nos possibilitou perceber o quanto analisar esses artefatos culturais se mostra relevante para a discussão das masculinidades e feminilidades na infância. [...]

Neste trecho final de seu artigo e um pouco mais adiante, as autoras afirmam que devemos prestar atenção àquilo que as crianças assistem e que são de importância para que, desde a mais tenra idade possamos desenvolver as identidades dos sujeitos a quem esses programas são designados.

Concluimos que, além das questões levantadas pela série, outros instrumentos dentro do próprio programa deixam clara a mensagem que muitas vezes pais e outras pessoas do convívio social das crianças não conseguem explicar a elas – como por exemplo, a música cantada pela personagem Garnet, que faz com que, de uma forma lúdica, as crianças entendam as sexualidades. Além

disso, outros elementos dentro da série podem ser levados em consideração neste aspecto, como por exemplo, a própria habilidade de transmutação e fusão das Gems.

Ainda dentro dos contextos de Magnanelli (2005) e Magalhães e Ribeiro (2014), os desenhos animados devem sim ser explorados de forma que possam ilustrar diferentes realidades presentes no mundo que circunda as crianças, pois é através desses programas e de outros espaços educativos que construímos as identidades das mesmas, mesmo que indiretamente. Propomos aos pedagogos e educadores da educação infantil que tenham olhos atentos ao que as crianças assistem e que possam utilizar estes materiais para uso em sala de aula, como forma de mostrar às crianças o mundo diversificado em que vivemos.

6. REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, J. C.; RIBEIRO, P. R. C. (Re) pensando as representações de gênero nos episódios de Peppa Pig. **Diversidade e Educação**. v.2., n.4, Rio Grande, 2014. p.24-26.

MAGNANELLI, A. P. **Era uma vez... E ainda é**: Contos de fada – possível resolução para os conflitos infantis. Disponível em: <<http://comciencia.br/reportagens/2005/12/10.shtml>>. Acesso em: 20 set. 2015.

UNIVERSO, S. **Mais forte que você**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/steven-universo/mais-forte-que-voce/>>. Acesso em: 21 set. 2015.

Reflexões, por Fábio Ortiz Goulart.

Reflexões, por Fábio Ortiz Goulart.